

O SOL DOS EGRESSOS

A SAGA DE AKIN AMARI



André Luís Rodrigues Santos

O SOL DOS EGRESSOS

A SAGA DE AKIN AMARI



SANTOS, André Luís Rodrigues. O sol dos egressos: a saga de Akin Amari. Cachoeira: Produto paradidático (mestrado) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Programa de Pós-graduação em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas do Centro de Artes, Humanidades e Letras, 2023, 63 p.

CACHOEIRA

2023



O Sol dos Egressos

A Saga de Akin Amari

“Quantos morriam debaixo dos
açoites por algumas faltas que
cometiam; alguns quase nus,
oprimidos da fome e de pesado
trabalho. E que direi eu daqueles
que não levavam com paciência
tanta crueldade e no furor ou
excesso de sua infeliz estrela se
matavam? Chegou enfim o dia em
que Deus tinha de pôr termo a
tanta crueldade, movido de
compaixão a favor de seu povo e
ordena para que se liberte de tão
penosa escravidão.”

Antônio Conselheiro

O Sol dos Egressos

A Saga de Akin Amari



André Luís Rodrigues Santos

Dedico a obra aos meus pais, Ana Cristina e Jorge Luiz; pelo apoio constante e amor incondicional.

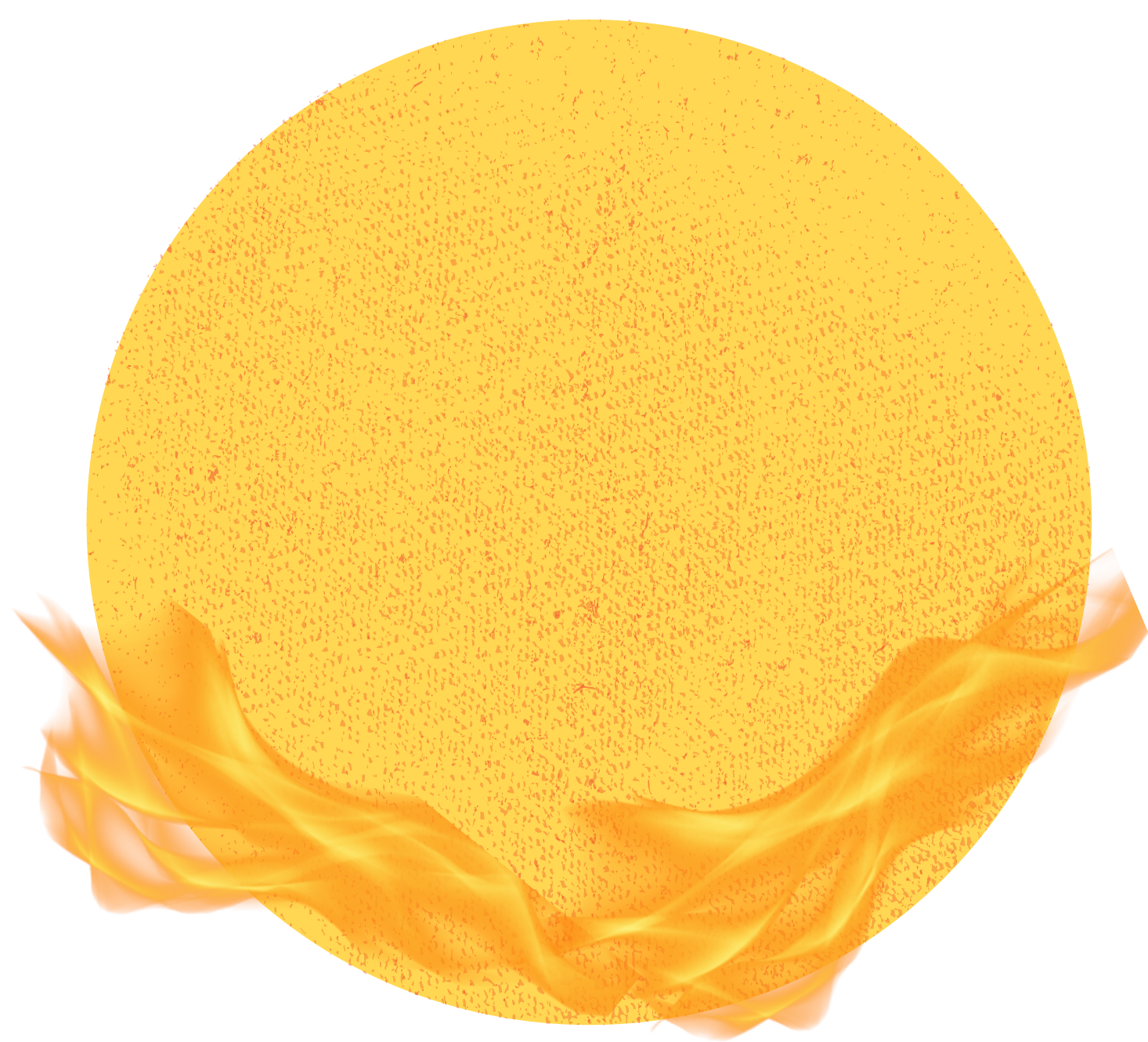
SUMÁRIO



A Chegada	8
O Engenho Buraco	23
Revoltas	34
Referências	50
Glossário	54

O Sol dos Egressos

A SAGA DE AKIN AMARI



André Luís Rodrigues Santos

A CHEGADA



A chegada

O mar estava revolto, o céu escuro e extremamente chuvoso; o tumbeiro Esperança balançava de todas as formas possíveis e inimagináveis, o cheiro era intragável e a lembrança da derrota e sangue derramado na guerra contra o povo Fulani corroía a alma de Akin Amari. Quantas almas poderiam ter sido salvas deste flagelo que acometia a sua vida. Era a grande pergunta que incessantemente perpassava pela consciência do antigo líder Haussá do aldeamento de Dyou.

Ele a todo momento questionava a si mesmo, se o maior erro de sua vida teria sido a manutenção das raízes religiosas e culturais do seu povo. Será que todas aquelas pessoas ainda estariam vivas se tivessem acatado as imposições vindas do Norte? Mas, infelizmente a vida segue o fluxo de um rio e decisões tomadas não retrocedem, o conflito seguiu a correnteza e aconteceu no final do outono. A motivação dos seguidores do líder fulani estava pautada na formação de um Califado, às margens do rio Sokoto, e que apenas fosse cultuado a religião monoteísta. Cultuar os deuses antigos seria uma blasfêmia intolerável e passível de punição.

E a derrota contra um povo que cultuava semelhantes princípios religiosos e culturais era algo que não entrava na mente da maioria dos seus guerreiros, mas o antigo governante, a essa altura dos acontecimentos, não poderia ser e nunca fora ingênuo. Sabia que existiam coisas, para muitos, aci -

ma do sagrado, como o poder e a riqueza que inebriava as mentes e os corações, ele mais do que ninguém tinha conhecimento de causa sobre esta questão.

E o arrependimento era algo corrosivo e mesmo diante das incertezas do futuro, Akin somente pensava no fim trágico da sua família, estática no chão de terra batida que antes era de um marrom cintilante. E, naquele momento, estava banhado com um vermelho agonizante, era a vermelhidão de sangue. Sem dúvidas, o momento mais marcante ao longo dos vinte e seis verões de existência terrena do ex-líder.

A bela Tanisha e o amado filho Okpara iriam se tornar uma eterna lembrança, e o medo era do esquecimento dos lindos sorrisos de ambos. Tanisha era uma das três filhas de Ndulu Baba, um homem religioso e muito respeitado por todos os moradores de Dyou, e que aceitou prontamente as investidas de Akin, aprovando, sem hesitação, o seu pedido de casamento. Seria uma honra para a família e uma mudança de status, a proximidade com o grande líder era inebriante. E a partir da autorização de Baba, viveu dias memoráveis e inesquecíveis, sem dúvidas foi muito feliz.

Agora restava a escuridão do porão do navio, aco - rrentado e sem destino. Até a dor do enlutamento foi negada a sua alma, mas seria forte e resiliente. Mas, os seus devaneios foram interrompidos com as súplicas agonizantes de Jyer, um homem da mesma região de Akin e que fora aprisionado em conflitos internos fomentados pelos brancos, que gritava vee -

mente que preferia a morte, pois a morte seria a sua liberdade, a liberdade das correntes geladas que dilaceram o seu corpo, dilacera o seu ser, dizia Jyer aos prantos.

Akin tinha escutado trémulo, chorava no subconsciente, e sabia que não tinha como ajudá-lo, estava acorrentado, sem mobilidade e como um líder nato, sabia que colocaria a vida dos outros aprisionados em risco e principalmente a sua vida. A punição, diante do assassinato, poderia ter consequências mortais.

Segundo as contas de Akin Amari, já estavam a 37 dias nessa tortura, desde o embarque em Porto Novo, ele tinha calculado a partir dos momentos que jogavam a comida no chão do porão do cemitério marítimo, como se fossem animais, e pensava a todo momento que um dia aqueles selvagens pagariam por todo sofrimento de incontáveis gerações.

Ele se recusava a acreditar que a vida seria reduzida a mero sofrimento, mas no âmago tinha consciência de que os tempos de alegria e respeito estavam com os dias contados. Contudo, mesmo diante da maldade do homem branco não iria se dobrar a ninguém, nunca. Lutaria nessa terra desconhecida que o aguardava.

E depois de longos quatro dias, a embarcação avistou a terra e a chegada ao destino final tinha um sentimento de medo e dor profunda no olhar de cada indivíduo aprisionado naquele porão fétido e escuro. Desembarcaram no Porto de Salvador, localizado na Freguesia da Conceição da Praia, Capitania da Bahia, em janeiro de 1807 e seguiram diretamente

para o depósito de escravizados, junto com as 320 das 400 almas que tinham sobrevivido ao trajeto de aproximadamente sete semanas ao mar. Quando Akin saiu da embarcação e colocou os pés no cais teve uma sensação inebriante de alívio, a brisa do mar era um prêmio infeliz de sobrevivência, tinha convivido em um ambiente insalubre e respirado, por muito tempo, um ar mortífero.

Além disso, o corpo estava fraco, tinha dificuldade em se equilibrar de pé, mas o que chamou à atenção foi ao olhar para o lado e observar, diante da luz solar, a fragilidade generalizada dos homens, mulheres e crianças que o acompanhavam naquela caravana de encontro ao inferno, eram mortos vivos de olhares vãos e vazios, e ele não era diferente.

Um resultado das péssimas condições que foram postas desde a captura na guerra, aprisionamento e consequente viagem ao encontro do desconhecido. A higienização era inexistente, faltava alimentos e os castigos eram penosos e incessantes. Mas, mesmo diante da situação que vivenciou, utilizou toda a presteza e inteligência que adquiriu durante a governabilidade em Dyou para analisar rapidamente o ambiente que tinha acabada de chegar e a visão de um umbigo em alto mar, uma cidade ao alto e uma cidade baixa com um fluxo constante de pessoas lhe causou uma estranheza imensa.

Mas, identificou com facilidade, no meio da multidão, o homem responsável pela sua condução ao cativeiro, jamais esqueceria aquele rosto. Estava negociando com outros homens de aparência estranha, mas não conseguia identificar aquelas di-

ferentes palavras que eram pronunciadas desde os dias em que estava recluso no porão do tumbeiro, e a sensação de impotência diante da situação era o que mais o preocupava e indagou com Jyer que deveriam, de qualquer jeito, aprender a se comunicar nessa língua. Questionava ferozmente que a sobrevivência de ambos estaria vinculada a este fato. A conversa foi interrompida, justamente, por Manoel Joaquim, o inesquecível algoz de Akin Amari, que gritava, xingava-os de pretos de merda e ordenava que calassem a boca. O mesmo, estava injuriado devido ao recente pagamento da taxa de importação imposta pela alfândega, para todas os cativos que adentraram a Baía de Todos os Santos. Era o capitão do Tumbeiro Esperança, que operava na região do Golfo da Guiné, e abastecia o mercado consumidor da Capitania da Bahia há mais de dez anos. O trabalho tinha se intensificado de uma forma exponencial, depois dos acontecimentos da revolta dos pretos na colônia de Saint-Domingue, antes o maior produtor de açúcar das Américas.

Manoel Joaquim conversava com José Villanova, um representante comercial que residia na Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, sobre a importância de doutrinar, e sobre ser rígido com os pretos, principalmente os ladinos, e jocosamente comentou sobre o fato ocorrido a alguns anos atrás, em que foram executados 4 pretinhos pela “audácia” de lutarem pelo direito a uma vida digna, livre das amarras da escravização, e também pela formulação de uma república na Bahia. E o capitão do Tumbeiro Esperança repetia incansavelmente a frase “Surge Nec Mergitur”, em tom de ironia, acompanhado de ri-

sos acalorados, e finalizou reafirmando que o exemplo fora dado da melhor forma possível. Logo em seguida, os escravizados foram deslocados para um casebre, próximo a alfândega, de cor acinzentada, de chão de barro, espaçoso e ventilado. Onde receberam atendimento médico, tratamento e alimentação. Contudo, Akin não era ingênuo e entendeu que estavam em um processo de engorda a caminho do abate. Onde os homens, mulheres e crianças eram separados pela condição física e de saúde. No sétimo dia, foram acordados bruscamente e violentamente passaram óleo de palma em todos os corpos sobre a tutela do Esperança, com a óbvia finalidade de esconder as aparentes feridas.

Neste momento, Akin Amari percebeu que estaria indo em direção a um tortuoso caminho e foi o que de fato aconteceu. E o destino seria a região da Freguesia do Iguape, reduto de colossais engenhos de açúcar e morada dos principais clientes de Manoel, e com certeza seria este o fardo final do lote fresquinho de homens, mulheres e crianças do Esperança.

Ao chegar à praça, o ex-líder de Dyou, foi colocado junto com os demais homens, despídos e humilhados. Era um verdadeiro leilão pela posse daqueles corpos. E a disputa pelo grande líder haussá foi intensa, devido a sua estrutura corporal e aparente força, ideal para o trabalho na lavoura.

Contudo, mesmo diante de tudo que acontecia naquele momento, Akin se mantinha de cabeça erguida, o que incomodou e atijou os compradores das “mercadorias” recém chegadas do outro lado do oceano. Ele não entendia aquela gritaria toda, mas sabia que estava sendo comprado, comprado! E es -

cutou o homem que conversava e ria com Manoel Joaquim, falar em voz alta:

- 685\$913!!!

- Vendido, foi a resposta encontrada.

José Villanova era um português meticoloso, de meia idade, cabelo esbranquiçado, franzino, de fala mansa e de baixa estatura. E o mesmo, já tinha mais de quinze anos que vivia em terras brasileiras, era de origem pobre e vislumbrou a oportunidade de residir na colônia de Portugal como uma forma de ascensão social. Apesar de não possuir riquezas, assim como antes de atravessar o mar, José Villanova tinha um certo prestígio local devido a sua origem europeia. Ele era o principal representante do Comendador Bandeira, próspero político e dono do Engenho Buraco, que produzia açúcar em larga escala, e detinha diversas posses as margens do rio Paraguaçu. O local era conhecido pela crueldade dos castigos empregados em seus trabalhadores escravizados, e pela intensidade do trabalho, deles exigidos, do nascer ao pôr do sol.

Ao todo, foram comprados quatorze indivíduos, contando com Akin, para as terras do famigerado Engenho Buraco. Villanova tinha instruções definidas para a compra de dez homens para a atividade da lavoura e quatro mulheres para o trabalho doméstico e cumpriu à risca a solicitação do patrão. Após o pagamento, reuniu as novas aquisições e organizou o retorno para as terras além da costa atlântica. E ele chamou de forma ríspida e em voz alta pelo nome do crioulo Cosme, um ex-escravizado de baixa estatura e que possuía uma cicatriz marcante fruto da maldade e castigos em -

pregados nos tempos de escravidão. Cosme, aprendeu o ofício da navegação e também da construção na juventude, observando o seu algoz, "senhorzinho" Benedito Magalhães, um português que dominava piamente a navegação dos saveleiros do velho continente, e as técnicas milenares de carpintaria pautadas na utilização do graminho, a planta resumida e a alma da construção destas embarcações.

Ele trabalhava como escravo de ganho no saveiro Capivari, que prestava serviços para o engenho Buraco há mais de oito verões. Foi dessa forma que Cosme conquistou a impensável alforria, entretanto continuou nos serviços na embarcação, além de ser muito requisitado para os reparos dos saveiros no estaleiro. Cosme submetia-se a condições aviltantes de trabalho, pois sabia que dificilmente encontraria um emprego, mesmo que fosse em troca de poucos réis e um mero prato de comida, como ocorria no Capivari, sabia das dificuldades e precariedades da falsa liberdade.

Sabendo disso, Cosme respondeu rapidamente ao humilhante chamado de Villanova que tinha extrema brevidade para embarcar com os escravizados, pois o caminho seria copioso até o distrito de Santiago do Iguape, comarca de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira e era de suma vantagem aproveitar a ventania daquela manhã. A viagem duraria em torno de seis horas, e ele tinha instruções definidas para desembarcar no porto do engenho antes do anoitecer, para evitar riscos de assaltos, motins, ou um naufrágio do navio.

Os escravizados aguardavam acorrentados e estranhamente curiosos pelos próximos passos desta jornada sem fim, esgotados, humilhados e animalizados. A embarcação foi se aproximando e por mais contraditório que seja, a visão era belíssima, lembrava um pássaro de asas abertas e Akin observou com espanto aquele estranho barco. Estava pensativo em relação ao futuro, mas iria resistir pela memória da família e do seu amado povo.

E assim que a embarcação atracou no cais, a metade das famigeradas “mercadorias” foi colocada no subsolo do Capivari, amontoados e espremidos pelo capataz Baltazar, um homem retinto, com quase dois metros de estatura, extremamente forte e musculoso, e que seguia veemente as ordens de José Villanova. A outra parte, composta por Akin, Jyer, Edet e as quatro mulheres foram dispostos na parte superior do saveiro, e observaram o pássaro branco levantar voo e se distanciar lentamente da efervescência e ruídos de Salvador.

Jyer comentou com o amigo de longa viagem que era inimaginável a submissão daquele indivíduo. Baltazar rememorava os grandes guerreiros da sua comunidade, mas relembrou das atrocidades fomentadas por homens brancos que colocaram as Vilas em que viviam, de forma relativamente pacífica, em conflito, estavam lidando com monstros gananciosos e meticulosos. E todo cuidado seria pouco nessa nova terra desconhecida.

A conversa foi bruscamente interrompida pelo antigo líder de Dyou, que observou e constatou as péssimas condições internas da embarcação, entretanto mesmo diante de tais adversidades, nada se comparava ao inferno que haviam passado no me -

donho Esperança, e preferia não recordar e nem pensar naquelas cenas de horror e privações.

Pois, apesar de novamente estarem acorrentados, poderiam vislumbrar a vista, respirar e sentir a brisa do mar. Não deixava de estar em uma condição deplorável. Contudo, o dia estava ensolarado, o céu estava com uma tonalidade inebriante de azul, que recordava as lindas vestis de uma forte tonalidade azulada que a bela Tanisha e as outras mulheres, crianças e homens utilizavam diariamente na Vila. Akin sorriu graciosamente com a linda memória, e apesar das tragédias vivenciadas estavam vivos, com as almas dilaceradas, mas permaneciam vivos.

Era uma sensação egoísta de alívio diante da miséria que os acometiam e, ao mesmo tempo, uma sensação de angústia, já que os demais cativos tiveram o infortúnio de estarem no subsolo do Saveiro e em condições próximas ao que haviam vivenciado nos tempos do Tumbeiro Esperança.

O incômodo de Akin era visível em seus gestos e expressões que despertaram o interesse de Edet, que observou o semblante daquele homem imponente, olhando o horizonte, relembrou dos tempos áureos de liberdade e o magnetismo que os grandes líderes da vila de Nupeko, localizado ao sul da região do Nupe, transmitiam quando naturalmente se comunicavam ou delegavam ordens aos habitantes locais, era impactante. Ficou visível que estava diante de uma figura próxima de um Sarki, pela forma que o tratavam e seria de suma importância a aproximação, um aliado de elevado respeito, mesmo não entendendo o que falavam, seria essencial para intensificar as suas possibilidades de sobrevivência.

Mas, os seus devaneios foram interrompidos pelo asqueroso Villanova, que percebeu as conversas e movimentações dos escravizados e, rispidamente, com um simples olhar mandou uma mensagem para o capataz Baltazar, para que todos ficassem em silêncio e estáticos; sendo acatado, sumariamente, pelos novos cativos do Engenho Buraco. Enfim, somente se escutava o barulho das ondas batendo no Capivari, e os esforços de Cosme em ajustar o curso da viagem.

Já havia passado mais de duas horas e estavam saindo da Baía de Todos os Santos e adentrando ao curso do rio Paraguaçu, para a grande felicidade do português, em direção ao Lagamar do Iguape. O impacto, naquele exato momento era imenso no coração de Akin Amari, emocionado e refletindo incessantemente na sua mente sobre a semelhança daquele Rio de uma cor escura e cintilante com o amado Níger, a água para o seu povo era algo sagrado e de elevada importância para a irrigação e sobrevivência dos homens e mulheres que estavam sobre a sua responsabilidade.

Dyou era uma Vila pautada na agricultura e pecuária, que sobrevivia a partir da produção de amendoim, painço, sorgo, grãos e criações de cabras e burros. Mas, o grande orgulho do chefe Akin Amari e de toda a sua comunidade eram as complexas técnicas de rotação das colheitas e de manufatura das anileiras para a produção e comércio do corante índigo, a base primordial da riqueza e prosperidade da pequena comunidade de aproximadamente du -

zentas e setenta e cinco almas. Guiados pela Dinastia Amari, a mesma se mantinha no poder há mais de um século.

E essa elite rural era apadrinhada e legitimada pelo Sarkin Kasa, o Rei da Cidade-Estado de Katsina, que ficava localizada ao norte de Dyou e era conhecida pela pujança econômica e comercial. A mesma, era cercada por grandes muralhas feitas com tijolos produzidos com barro seco e palhas de palmeiras, o que transmitia uma falsa segurança, comprovada pelos ataques e conquista de todo território pelos fulanis, algo que nunca foi esquecido pela grande maioria presente no saveiro Capivari.

As fantasias do ex-líder da dinastia Amari foram interrompidas por Mina, uma das quatro mulheres em condição de cativo, que residia em Katsina, o grande centro econômico da região. Mina apontou bruscamente o dedo para o lado direito e também ao esquerdo, em direção a duas estranhas construções, muito parecidas com as avistadas de onde embarcaram em Porto Novo, na beira do curso do rio, o que chamou a atenção de Baltazar que repetidamente gritou:

- É o fortim do Paraguaçu!!!!
- E o fortim da Força!!!
- Definitivamente, estamos próximos!!!!

Para Villanova, foi a melhor notícia possível, inusitadamente ele detestava aquele trajeto fluvial e a possibilidade de retornar ao conforto de sua residência era de suma relevância, além de receber

do Comendador Bandeira os honorários relativos ao serviço de compra dos africanos. E aos berros mandou Baltazar organizar e conferir se todos os cativos estavam vivos e devidamente aprisionados, para agilizar e facilitar no momento do derradeiro desembarque, fato este acatado e confirmado pelo capataz.

Essa movimentação foi o suficiente para que os demais tripulantes, os desafortunados negros, vindos do outro lado do Atlântico, percebessem que estariam chegando ao local onde fincariam raízes, e onde o pesadelo que estavam vivenciando fixaria morada. Os olhares eram de apreensão, porém Mina se mantinha firme e virtuosa, o que aguçou a curiosidade de Jyer e principalmente de Akin Amari.

Ela tinha uma média estatura e cabelos volumosos, assim como aparentava força e firmeza em seus gestos e atitudes, mesmo diante dos maus tratos e escassez de alimentos durante o trajeto marítimo. Além disso, exercia uma grande influência nas outras mulheres presentes no Capivari, sem dúvidas, tinha uma presença misteriosa e marcante.

Enfim, a embarcação seguiu o curso do rio, e mais uma vez Mina fixou os olhares, mas agora para José Villanova, Cosme e Baltazar, que passaram pelo Convento de Santo Antônio do Paraguaçu e fizeram um estranho gesto de cruzar a mão sobre o corpo, uma ação inusitada. Entretanto, ela rapidamente associou a um ato religioso e quanto mais se aproximavam a sensação era hipnotizante, visualizou

uma construção suntuosa, com uma elevada escadaria, e a altura a fez lembrar do Minarete de Gobarau, onde rezava e encontrava conforto. Foi um momento nostálgico, mas de afeto pelas recordações dos tempos em Katsina.

Recordou também das brincadeiras das crianças ao redor da grandiosa estrutura e em especial das suas maiores preciosidades, as duas filhas pequenas que foram arrancadas e sequestradas durante o fatídico conflito. O coração de Mina estava dilacerado, contudo mantinha em liberdade as memórias dos momentos aprazíveis de sua caminhada. Estava presa em seus pensamentos e perdera a noção do tempo, quando foi abruptamente interrompida pela voz cansada de Cosme:

- Chegamos!*
- Enfim, chegamos ao Engenho Buraco!*
- Que Deus abençoe essas pobres almas.*

O ENGENHO BURACO



O Engenho Buraco

O Engenho Buraco ficava localizado nas proximidades da margem esquerda do rio Paraguaçu, era uma propriedade belíssima com diversas estruturas. Era cercada por uma vegetação extensa e volumosa, mas o que mais se destacava em meio a imensidão era a casa-grande, construída na parte mais elevada da propriedade, contava com três pavimentos e tinha a planta da residência em um formato retangular. A pintura da fachada era única, totalmente branca, com adornos desenhados e pintados em formato de rosas vermelhas e folhas douradas. Já na parte central da residência, em elevado grau de destaque, havia um brasão em mármore da família senhorial, era a legitimação do legado dos ancestrais.

Além disso, a edificação possuía colossais colunas de pedras e arcos, que formavam incontáveis lógias, que possibilitavam a visualização do rio, o que impressionava e destacava a localidade dos demais imóveis da região. Também, tinha enormes e diversas janelas pintadas de uma tonalidade verde escuro, que embelezava a propriedade, auxiliava na circulação de ar e propiciava uma visão ampla e panorâmica do cotidiano bucólico vivenciado pelos residentes. Ainda, podia-se verificar uma excêntrica vegetação e paisagismo composto de palmeiras imperiais, plantas rasteiras e de grande porte, e florais que transmitiam um clima de paz e sentimento de calma nas pessoas que visualiza -

vam aquela imagem. Aliás, desculpem-me, nem todas as mulheres e homens tinham essa sorte.

Ao lado da casa-grande, ficava localizado a Capela de Nossa Senhora do Livramento, que era o coração e alma do Engenho, a mesma havia sido erguida utilizando primordialmente pedras e cal, e o seu púlpito era de um mármore acinzentado, o que transmitia um aspecto singular. Na realidade, era uma pequena capelinha, com apenas oito fileiras de bancos de madeira, local onde o homem branco poderia disfarçar e diluir os pecados e maldades efetuadas, principalmente contra a população negra e escravizada.

A riqueza do comendador era demonstrada também na abundância de detalhes das construções do Engenho Buraco, como o pujante engenho real, movido a roda de água, que se constituía como um grande trunfo para o desenvolvimento das atividades atreladas a produção açucareira.

Entretanto, a opulência do Bandeira não estava relacionada apenas a elaboração e venda do açúcar, cachaça e rapadura, mas ao desenvolvimento da sua famosa farinha de mandioca, base da alimentação que era distribuída e comercializada para grande parte dos habitantes da Freguesia do Iguape.

Contudo, o grande orgulho do comendador era a manufatura desenvolvida na olaria do Engenho, pois o solo massapê da propriedade era uma dádiva para a concepção da matéria prima para a fabricação das telhas e tijolos que seriam vendidos nas casas, fazendas e engenhos da comarca de Cachoeira.

Sendo, uma fonte de renda importante para o desenvolvimento dos Bandeiras, que já tinham outros

dois engenhos na região, o Engenho Moinho e o Engenho Conceição, e cogitavam a construção de um novo engenho, ao lado do Buraco. De fato, os negócios e a escravização eram uma excelente via de manutenção da hierarquia social para o comendador.

Contudo, a prosperidade e conforto da família bandeira contrastava com as péssimas condições vivenciadas na senzala, um pequeno casebre de taipa e chão de areia, que ficava localizada na região sul, mais distante da Casa-Grande, sendo a habitação dos escravizados a mais precária e crítica do Engenho. Havia cento e noventa e uma almas no resso, respirando e tentando sobreviver diariamente aos infortúnios e desgastes da exploração da cultura açucareira. O ambiente era insalubre, sem ventilação, propício a disseminação de doenças, superpovoado e, infelizmente, a situação pioraria com a chegada de Akin Amari e seus “infelizes” colegas de cativeiro.

Enfim, o Saveiro Capivari atracou no cais e Baltazar rispidamente puxou os homens e mulheres pela corrente gelada e lentamente foram enfileirados para a conferência das condições físicas das novas aquisições. Mas, subitamente, foi interrompido por uma voz grave e alta:

- Rápido, Baltazar!

- Rápido!!!

-Não tenho o dia todo!!!

-Desculpe... perdão... isso não se repetirá, meu senhor!
Respondeu em um tom de amedrontamento.

A ordem partiu do homem mais temido do Engenho, Gaspar de Lemos, o feitor-mor do Buraco. Ele administrava com severa rigidez toda a propriedade de Pedro bandeira, e o seu principal lema estava vinculado à ordem pela disciplina, força e sangue. Era neto de portugueses e tinha em torno de um metro e oitenta centímetros de altura, possuía entre vinte cinco a vinte e sete anos de idade, era forte como um boi de tração e extremamente temperamental.

E ele não perdeu tempo e logo ordenou que o feitor da moenda e linha, Francisco Gomes, escolhesse os homens que iriam para o trabalho no eito, e o mesmo fez de prontidão. Chico, como era apelidado, minuciosamente analisou as novas ferramentas de trabalho e apontou para oito homens, entre eles estava Edet, Jyer e Akin, e curiosamente para uma mulher, Mina, que foram deslocados de imediato para a senzala, pois o dia começaria dali a poucas horas. Do primeiro raiar do dia ao pôr do sol, a lavoura não parava.

Os outros dois homens foram selecionados para o serviço na quentura da fornalha da olaria, e as três mulheres seriam distribuídas para as atividades domésticas na casa-grande. Uma escolha direta, cuidadosa e precisa de Gaspar, pois servir como escravizada doméstica era o mais próximo que os pretos ficariam da família do "senhorzinho" Bandeira. Ao término da conferência, José Villanova se dirigiu ao feitor-mor e solicitou, prontamente, o pagamento pela segurança, transporte e qualidade das "mercadorias" africanas até as terras do Engenho, o que foi atendido de imediato. Ele alegremente contou

o dinheiro e com um aceno de cabeça atestou a veracidade da quantia estipulada pela tarefa de algoz e responsável pelo triste deslocamento de homens e mulheres ao encontro do precipício. E, de forma célere, ordenou a Cosme que ajustasse o curso do saveiro, estava alucinado para chegar à Vila de Cachoeira o mais rápido possível.

Essa foi a penúltima vez que Akin Amari e os demais cativos, que foram trazidos para o Buraco, avistariam a figura desprezível de Villanova. Não imaginariam, ainda, as circunstâncias do novo encontro, como o destino é implacável e, às vezes, justo e coerente. A maldade é paga na penitência terrena.

Chegando à senzala, a visão de Jyer foi estarrecedora, o ambiente era um pesadelo, o cheiro pútrido, o espaço minúsculo para o quantitativo de indivíduos, as vestes consistiam em trapos sujos, alguns bem debilitados, mas os olhares, de grande parte, tinham um misto de dor e sofrimento. Contudo, era visível a chama da sobrevivência e a esperança de dias melhores, sim... de dias melhores.

A maioria dos escravizados do Engenho Buraco foram trazidos do continente africano, dos 120 escravizados do sexo masculino, 96 vieram de terras africanas; e das 80 escravizadas, quarenta também tinham a mesma origem geográfica. Para a surpresa e espanto de Akin Amari, ele visualizou rostos conhecidos como Diop, Ayodele e Essien, que haviam saído para entregar mercadorias em Katsina e nunca mais retornaram a Vila de Dyou. Akin segurou as lágrimas e aguardou Chico trancar a senzala e depois, emocionou-se com a presença de Diop. Eles

eram muito amigos e nunca tinha aceitado aquele súbito sumiço, daqueles três homens, das terras sobre o seu domínio. Foram longos minutos de um choro enraizado de lembranças, alegrias e dores, muitas dores e suplícios, interrompidas pelo questionamento de Akin:

- O que aconteceu?
- Por que nunca retornaram para Dyou?
- Lamentamos a repentina partida de vocês!
- Aliás, fizemos um funeral simbólico!

- Meu Sarkin, o que houve com a nossa amada Vila e nossas famílias? – foi a única frase dita por Diop, e o silêncio tomou conta do recinto. O ex-líder respirou fundo durante uns seis segundos, e friamente deu a resposta que já esperavam, mas queriam apenas a confirmação:

- Falhei ...
- Eu falhei com todos vocês!!!
- Eles estão mortos ...

A grande totalidade dos escravizados presentes não estavam entendendo aquela calorosa conversa entre o novo cativo e Santos! Entretanto, era perceptível o clima tenso e pesado no local, e foi nesse momento que Ayodele abraçou ambos e afirmou:

- Não podemos voltar ao passado ...
- Também falhamos, meu líder!
- Fomos descuidados e sofremos uma emboscada!

O desaparecimento deles aconteceu treze meses antes do derradeiro conflito que culminou com o esfacelamento da Vila de Dyou e, na realidade, haviam sido sequestrados pelos mesmos fulanis, ven -

didados e enviados para as terras do Engenho Buraco através do mesmo tumbeiro Esperança, do famigerado Manoel Joaquim.

Nesse momento, ele entendeu o porquê da fala de Ayodele, pois os mesmos indivíduos que os sequestraram derrotariam a vila meses depois. O sentimento era também de remorso, já que se tivessem fugido poderiam ter avisado da animosidade que estava se aproximando das terras de Dyou.

Enfim, as lamúrias foram interrompidas por Mina, que morava em Katsina, mesma região, e havia sofrido como eles, dores irreparáveis, e de forma contundente falou:

- Chega!!!

- Olhem para o lado! Todos aqui devem ter uma história dolorida ...

- Vamos pensar no futuro!

- Viver e sobreviver pelos nossos, resistência... sempre!!!
Akin Amari ficou admirado pela força de espírito e postura daquela mulher e ficou pensativo, pois não imaginava o que Mina teria passado nessa fatigante caminhada até aquele casebre escuro e fétido. Mas, a conversa acalorada foi interrompida por Preto Paulo, que chamou a atenção de Santos para que encerrassem imediatamente o barulho, visto que em pouco tempo estariam de pé para a labuta no canavial.

Preto Paulo era o ancião dos cativos do engenho, baixinho, muito retinto, tinha por volta de quarenta e seis anos de idade e as marcas em seu corpo revela -

vam a trajetória penosa da escravização que havia percorrido durante a vida. Sem dúvidas, tinha a voz e autoridade perante os escravizados e esse fato chamou a atenção de Akin Amari. Estranhamente, esta seria a primeira vez em que não estaria em uma posição de liderança, mesmo que fosse uma liderança falaciosa, a sensação era reconfortante, estava dilacerado, atordoado e de imediato admirou a postura segura daquele homem, mesmo diante daquela terrível condição para a sobrevivência humana.

Além disso, Preto Paulo ordenou que Santos distribuísse os recém chegados ao fundo da senzala, próximo da rudimentar fossa, onde os cativos faziam as suas necessidades fisiológicas, e foi o que fez de imediato, ao chamar e apontar o excruciante local, onde deveriam dormir durante os próximos dias no Engenho Buraco. E seguiram em silêncio, estavam incontrolavelmente famintos e extenuados fisicamente e mentalmente.

E nos poucos metros que percorreram, até o local da dormida, Mina percebeu que os homens, mulheres e crianças estavam fazendo uma fila em frente a um imenso caldeirão borbulhante, e dentro dele havia algumas verduras ou frutas brancas, não sabia ao certo do que se tratava, e grãos de tonalidade preta. Mas, para a surpresa, estava com um cheiro convidativo e ansiava pela oportunidade de se alimentar pela primeira vez, após uma cansativa e forçada viagem até aquele local intimidador e desconhecido.

Logo foram chamados por Firmina, era a responsável

pelo preparo e alimentação dos duzentos escravizados da senzala, que com um aceno de mão chamou e autorizou os novos moradores a pegarem uma cumbuca e assim reconfortarem o castigado estômago.

Edet foi o primeiro a se levantar, e, com um leve sorriso no rosto, seguiu em direção aquela miragem comestível, seguido de Akin Amari que olhou para Diop, denominado de Santos após o recente batizado na Capela de Nossa Senhora do Livramento. O ex-líder de Dyou questionou o velho amigo, queria entender se aquele gesto era de permissão, o que foi confirmado com uma simples frase:

- Mu dangi ne!

- Nós somos uma família Akin! Falou em voz alta e a maioria dos presentes balançaram a cabeça de forma contundente e afirmativa.

Akin Amari percebeu, naquele exato momento, que apesar das adversidades, privações e violências sofridas constantemente, os “brancos selvagens” não conseguiram quebrar aquela comunidade no que era mais sagrado, o companheirismo, a união e esperança. Aqueles seres humanos eram fortes e essa percepção o fortaleceu instantaneamente. Sentiu-se revigorado, recebeu e agradeceu pelo alimento e por estar respirando. Ainda poderia lutar e resistir mais um pouco, ainda seria, de novo, um homem livre.

A atitude de Akin Amari foi seguida por Mina, Jyer e os demais, que também comeram aquela estranha, porém saborosa comida, não sabiam se era a fome, contudo foi o melhor alimento que já haviam provado, era perceptível nos olhares lacrimejados dos novos residentes da senzala da família Bandeira.

E todos terminaram a refeição e aos poucos, o ambiente foi se acalmando; restando, somente, o ruído de insetos e o barulho da respiração dos então cativos. Mina, por proteção, dormiu próxima de Akin Amari, pois desde o primeiro contato havia sentido uma conexão diferente com aquele homem triste e misterioso. Demorou a fechar os olhos, pois estava ciente de que a vida não seria fácil naquele tal de Buraco, mas o cansaço era insuportável e o sono, definitivamente, fez morada.

Ainda estavam na escuridão da noite, mas todos já estavam a postos, inclusive Edet e Akin, que aguardavam a abertura da Senzala pela equipe do feitor Chico, o que não demorou para ocorrer. Já, Mina foi acordada, bruscamente por Jyer, que percebeu a movimentação dos escravizados no recinto.

Santos passou as instruções do serviço no canavial para o antigo chefe africano, relatando que o cultivo e produção eram parecidos com as plantações de alimentos e anileiras da vila, mas que eles não eram tão desenvolvidos como na saudosa Dyou. E disse em tom descontraído, já que visava amenizar aquela situação desconfortante para um importante nobre e eterno líder de sua vila natal. Mas, não obteve êxito e um suspiro melancólico foi a única resposta encontrada, definitivamente, ingenuidade não era o forte daquele homem; sabia que o verdadeiro inferno estava se descortinando friamente em sua vida, e nas vidas de todas aquelas pobres almas, sobre o domínio opressor do Engenho Buraco.

REVOLTAS



Revoltas

Ecoava aos céus um reprimido grito de liberdade! O dia 28 de junho de 1822 foi um dia memorável para os habitantes da Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira e adjacências, pois marcava o início da derrocada dos déspotas de Portugal na Província da Bahia.

Nas últimas horas, entre a região que margeava o rio Paraguaçu e a praça da Câmara, havia ocorrido uma verdadeira guerra campal, comparada aos conflitos na antiga Vila de Dyou. Foram quatro dias de tensão, que se iniciaram com a proclamação de Pedro de Alcântara como Imperador e Defensor Perpétuo do Brasil pela Casa da Câmara e Cadeia, e a alegria dos moradores da Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira e da Freguesia de Deus Menino de São Félix, que fica localizada do outro lado do rio, foi arrebatadora, as celebrações se estenderam para a igreja matriz da vila e ao som do inigualável “Te Deum”, com um magnífico louvor ao menino Jesus.

Porém, ninguém imaginava que estava prestes a acontecer o caos e a destruição promovidos pelos temidos canhões de Portugal. Ao passar dos dias, a destruição foi se intensificando e Bartolomeu nunca esqueceria a medonha visão do corpo frio, estático e desmembrado de José Villanova, que foi atingido em cheio, no momento em que estava se aliviando na latrina de casa. Subitamente, refletiu sobre o fim trágico daquele indivíduo que tinha contribuído para

a repugnante escravidão e havia causado tanto mal aos seus iguais. Realmente, o destino é implacável e um tanto quanto sarcástico.

Enfim, os sons inquietantes da canhoneira, lançadas da zona fluvial, cessaram e agora, depois das comemorações, restava um agonizante silêncio. Além de pairar uma dúvida primordial no ar, sobre quais seriam os possíveis desdobramentos e incongruências que o conflito poderia gerar na Província da Bahia. Mas, a certeza era de que as mudanças desencadeadas naquele momento seriam uma força motriz para a reestruturação das oligarquias, já existentes. Salvo engano, os escravizados continuariam o trabalho forçado e compulsório.

Mas, a jocosa fuga da corte portuguesa, em 1807, do Imperador Napoleão; a mudança da metrópole para a então colônia; a abertura dos Portos brasileiros às nações amigas; e a posterior elevação da ex-colônia à Reino Unido de Portugal e Algarves; contribuíram, de grosso modo, para um sentimento de maior autonomia das províncias em relação às antigas imposições vindas do outro lado do oceano Atlântico. E auxiliaram, politicamente, para a inserção da sociedade local nas movimentações de luta que ocorreram em junho de 1822.

Entretanto, acima de tudo, foi uma conquista carregada de suor e sangue do povo de Cachoeira, que lutou como a magnitude, força e imensidão das águas do imponente rio Paraguaçu, sempre em frente, destemido. E os cativos dos engenhos da família Bandeira contribuíram veemente para as lutas e resistência contra as forças lusitanas.

E essa importante luta para a conquista da independência política do Brasil, na Bahia, ocorreu quinze anos depois da primeira e tensa noite de Akin Amari na senzala. Até então, muita coisa já havia mudado na vida daqueles indivíduos que foram acorrentados e enviados forçadamente para o Engenho Buraco em 1807.

Bartolomeu, tinha recebido a tão sonhada carta de alforria, havia conquistado a sua liberdade devido aos heroicos esforços no embate contra os portugueses, pois teve um papel de bravura junto ao batalhão composto pelo soldado Medeiros, um companheiro nas lutas contra as forças lusitanas. Mais tarde, surpreendentemente descobriu que a pessoa mais corajosa e feroz na arte da guerra era uma verdadeira heroína, sim, tratava-se de uma mulher e o seu nome, Maria Quitéria, precisava ser sempre ecoado pelos quatro cantos da Bahia e do Brasil. Apesar do orgulho em relação a conhecida companheira, preferia não mais lembrar e nem recordar esses sanguinários dias, desejava descansar e minimamente, viver.

O imponente Akin Amari era apenas uma amarga e vaga lembrança dos tempos de liderança de Dyou. Àquele momento ele era conhecido apenas como Bartolomeu, um habilidoso agricultor que dominava piamente as técnicas de plantação e colheita de açúcar e fumo. Mesmo sendo um egresso do cativeiro, ele continuava vivendo nas terras do Engenho Buraco. A servidão era perversa, e o africano continuava trabalhando e vivendo “escravizado”, agora psicológica e moralmente.

Ao longo da sua sofrida vida, ele conquistou mínimas alegrias, extensas frustrações e decepções, e uma delas foi a interrupção precoce da avassaladora paixão por Mina. Depois do falecimento de Tanisha e Okpara, não imaginava que seria capaz de amar, mas amou devotamente Maria Zeferina. Ela era tão genuína, tão forte e formosa, mesmo diante das amarras da escravidão. E apesar das dificuldades vivenciadas na senzala, ele casou-se com Mina, nomeada Maria Zeferina, e do fruto desse singelo amor nasceram duas crianças, Matias e Joana.

O menino sempre foi muito afeiçoado e apegado com a Mãe Zefa, como carinhosamente chamava a sua progenitora. Mas, com o passar dos anos o protecionismo maternal não foi suficiente para o encontro com a implacável servidão compulsória. Ela se sentia impotente diante de toda a maldade que sabia que os filhos ainda haveriam de encarar na vida, e era uma sensação mortífera para uma mãe que já tinha sofrido a inigualável dor do sequestro de duas filhas em Katsina. Zeferina costumava dizer para Bartolomeu que podiam arrancar e privá-la de tudo, contudo, jamais tirariam o seu infinito amor por Joana e Matias.

Todavia, como imaginava, os pequenos serviços e o tratamento mais ameno, devido a pouca idade de Matias, se transformaram em pesados trabalhos. Infelizmente, Matias tinha chamado a atenção do implacável feitor Francisco Gomes, o velho Chico, que observou que ele já possuía idade para os serviços na lavoura. A criança magra, franzina e meiga, havia se transformado em um valioso ativo para os trabalhos no engenho.

E realmente, o tempo é implacável! Matias tinha completado doze primaveras, agora um jovem alto e forte. Mal sabia que esse seria o último ano na presença da sua mãe. Tudo ocorreu em uma manhã chuvosa e a sensação desse momento permaneceu vívida na memória dele. Neste momento ele jurou, com todas as suas forças, que um dia iria se vingar dos infelizes que o arrancaram dos braços dos seus pais.

O inditoso destino daquele infortunado menino seria as terras do Engenho Bahia, vizinho do Engenho Buraco, também pertencente aos Bandeiras. Era uma das propriedades mais prósperas da região do Recôncavo. A ida de Matias para a outra propriedade foi uma perversa e corriqueira decisão de Gaspar de Lemos, o antigo feitor-mor do Buraco, que agora gerenciava os dois engenhos, às margens do rio Paraguaçu. A realocação de Matias tinha como intuito a formação de um novo aprendiz para os serviços na fornalha. Entretanto, não se imaginaria que a transferência daquele jovem, futuramente, seria responsável por seu último suspiro na terra.

Para Bartolomeu, esses tristes acontecimentos jamais saíam da sua memória. Principalmente, o fatídico ano de 1818, em que o filho fora levado forçadamente por Chico para as maldosas mãos de Gaspar de Lemos. Além disso, ele perderia a sua querida companheira para o impaludismo, assim como os fiéis amigos Jyer e Santos, que tiveram o mesmo fúnebre destino de Maria Zeferina.

A raiva era o mote central na vida do antigo líder de Dyou, ele tinha perdido tanto, mais tanto, que não

sabia como ainda conseguia ter forças para se manter vivo, em um mundo que desejava e ansiava apenas pela constante dor e sofrimento dos seus iguais. Mas, essa força tinha um nome, Joana, a princesa da inexistente dinastia Amari e o tesouro mais importante para esse despedaçado homem que desejava somente a felicidade da filha, em um lugar repleto de maldade.

Entretanto, este homem tão sofrido faria de tudo para conquistar a sonhada felicidade para Joana e devia ao menos isso a Mina, sim, esse era o potente e verdadeiro nome da sua eterna companheira, e decidiu que assim que alcançasse a liberdade, gritaria para os quatro cantos o seu único nome, Akin Amari da Vila de Dyou.

Por isso, quando começaram as agitações do dia 25 de junho de 1822 e a notícia e barulhos alcançaram as fronteiras do Engenho Buraco, o feitor Chico comunicou a decisão do comendador Pedro Bandeira, de alforriar os negros que lutassem pela autonomia do Brasil.

A essa altura da vida, Akin Amari já sabia se comunicar muito bem no português falado no Buraco. Ele estava há mais de uma década naquele inferno e relembrou das conversas com Jyer sobre a importância de entenderem o idioma do inimigo e prontamente levantou a mão, assim como Marcos (Edet), Pedro (Ayodele), Vicente (Essien) e mais treze homens que seguiram o mesmo caminho, da morte ou da liberdade.

Todavia, as coisas não aconteceram como imaginado e combinado, pois ao final do conflito, todos retornaram com vida pois eram guerreiros natos, contudo apenas Bartolomeu conquistou a al -

forria, devido ao seu ato heroico, no salvamento de duas mulheres e uma criança, de uma casa totalmente em chamas, o que sensibilizou o comendador.

Ainda, também pela sua excessiva bravura nos subsequentes dias de intensas lutas contra os invasores portugueses na Bacia do Paraguaçu.

Os demais escravizados que lutaram na guerra foram enganados, mais uma vez foram atingidos pela insanidade e perversidade dos prepostos do Engenho Buraco, e permaneceram animalizados na escravidão até que as tensões chegaram ao estopim alguns anos mais tarde, com uma grande revolta orquestrada por Matias e os demais homens e mulheres cativos dos quatro engenhos de Pedro Bandeira.

Contudo, até o desencadeamento da revolta, nos engenhos do comendador Bandeira, a calma havia ditado regra, pois nos anos seguintes os afazeres diários e a regularidade cotidiana foram restabelecidos com o fim da animosidade entre brasileiros e portugueses, depois do glorioso dois de julho de 1823, com a independência do Brasil. O fogo fomentado em Cachoeira contribuiu fortemente para os acontecimentos em Salvador, pois a província da Bahia nunca aceitou de bom grado a opressão e desigualdades sociais e econômicas do período colonial.

E transcorridos cinco anos desse momento caótico, o sol estava escaldante e Akin Amari estava retornando da Vila de Cachoeira, após três horas de uma cansativa viagem sobre o lombo de um jumento. Esse

era o incessante percurso realizado por ele durante mais de quatro anos. Akin vendia algumas frutas, com o exclusivo objetivo de alcançar os quatrocentos e vinte mil réis pedidos pelo comendador Bandeira para, ao menos, cogitar a liberdade da sua filha. Infelizmente, o Engenho Bahia não abria mão dos serviços e presteza nas tarefas do disciplinado Matias, já que ,seu senhor, dizia sempre que ele era o mais valioso escravizado de todos os seus engenhos.

E Joana, agora tinha quinze anos de idade, mas desde muito pequena se destacava pela inteligência e carisma; tinha a fisionomia da mãe e era uma constante lembrança de Mina para o pai. Contudo, no início do ano de 1827, ela seria realocada para os trabalhos domésticos na casa grande. Como o irmão, ela tinha crescido e se transformado em uma importante mão de obra para os trabalhos no Engenho, o que chamava a atenção dos feitores e principalmente do “Sinhorzinho Bandeira” que costumava impor suas vontades e desejos em relação às jovens escravizadas, e Akin Amari estava desesperado que essa possibilidade pudesse virar uma amarga realidade.

Como dito anteriormente, a essa altura Akin já era um homem livre e teria a chance de lutar pela alforria da filha, através do cultivo de frutas e hortaliças do pequeno pedaço de terra arrendado pelo comendador. Essa atividade viabilizada ao ex-senhor fazer a retenção da metade dos ganhos da produção de Akin, que sem dúvidas continuava sendo explorado de uma maneira diferenciada. Entretanto, ele não se importava, pois o sacrifício e a exploração seriam temporários, visto que tinha em mente apenas uma coisa, a liberdade de Joana e a

fuga daquele local de terror, que durante mais de vinte anos foi a sua atroz moradia.

Akin Amari ainda não tinha se conformado com a decisão intransigente de Bandeira, de não aceitar valor algum para alforriar Matias, mas tinha esperança de angariar uma grande quantia para conseguir convencer "o senhor do seu filho" da venda do mesmo, e essa remota possibilidade reacendeu a chama de esperança, de ainda vislumbrar a liberdade do seu amado filho.

Continuava, incansavelmente, seguindo a sua rotina diária em busca de um destino de felicidade para ele e os seus filhos. Akin ficava a todo momento questionando se realmente teria o direito a conquistar alegrias e bonanças ao lado dos poucos familiares ainda vivos nesse mundo.

Os meses foram seguindo e depois de muito suor derramado, Akin Amari finalmente conseguiu a quantia necessária para a aquisição da carta de alforria da sua filha. Mas não sonhava, nem em pesadelo, que ao entregar os seus réis para Gaspar de Lemos, escutaria como resposta uma forte risada, acompanhada de uma fria negação. O feitor-Mor afirmou que Bandeira havia mudado de ideia, e que aquele valor estaria desatualizado, pois Joana já tinha um elevado preço no mercado escravocrata, visto que estava com uma idade fértil para procriar mais escravizados para os trabalhos nas terras dos seus engenhos, além da possibilidade de também ser "alugada" como ama de leite, sem dúvidas não iria se desfazer dessa abundante fonte de renda.

Naquele momento, Akin Amari chegou a derradeira conclusão de que o escravista provavelmente nunca

tinha intencionado promover a real libertação da sua filha. A raiva e repulsa tomavam conta de Akin Amari, e o desejo de afrontar fisicamente aquele perverso indivíduo tomou conta dele. Entretanto, ele era inteligente o suficiente para não esquecer que era um homem liberto e continuava sendo um homem preto, em uma sociedade dominada por homens brancos, então conseguiu controlar o seu ímpeto naquele instante de turbilhão de sentimentos.

E, ao decorrer dos dias, o pensamento era apenas de extrema fúria, sabia que ambos os filhos, suas eternas crianças, estariam sofrendo as mesmas atrocidades vivenciadas por ele, durante os ininterruptos quinze anos que fora escravizado na lavoura do Engenho Buraco. E chegou à conclusão mais óbvia, a fuga do engenho seria a única solução para a almejada liberdade de Joana e Matias. Estava decidido a concretizar esse perigoso desafio, mesmo que significasse o seu fim.

Desta forma, em uma manhã fria de domingo, único dia dedicado ao descanso dos escravizados dos Engenhos do Recôncavo, Akin Amari aproveitou para visitar a senzala e arquitetar um audacioso plano de fuga junto com Marcos, Pedro e Vicente. Entretanto, as suas propostas foram interrompidas pelos ex-colegas de confinamento que informaram que o filho dele estava a alguns dias elaborando uma revolta contra a opressão e maus tratos protagonizados pelo feitor-mor do Engenho Buraco e Bahia.

Matias era o escravizado de maior confiança do comendador e tinha livre acesso às quatro propriedades de Pedro Bandeira. Ele havia iniciado como aprendiz da escaldante fonalha, e tinha se tor-

nado o braço direito do feitor da moenda, o acompanhando na distribuição e escoamento da produção de cana de açúcar e fumo. Essa autonomia possibilitou a Matias a criação de uma rede de informações e contatos com os escravizados das outras propriedades, e propiciou o planejamento da revolta, orquestrada para acontecer na madrugada do dia 18 de março, com o objetivo de aniquilar Gaspar de Lemos, os demais feitores, e todo o sistema escravocrata dos engenhos da família Bandeira.

Akin estava emocionado, e pensava como o filho tinha amadurecido! Realmente, o sangue dos Amaris corria pelas veias de Matias. E ele escutou atentamente ao plano intrépido de luta contra a opressão imposta pela estrutura dos engenhos dos Bandeiras, e ao final da surpreendente conversa, Akin deu um leve suspiro, acompanhado de um grande e orgulhoso sorriso. Ele lembrava que as lideranças eram forjadas nos momentos de dificuldades, e mesmo depois de vinte anos, ainda acreditava que havia falhado como líder, e com todas as almas perdidas no conflito na Vila de Dyou contra os Fulanis. Destarte, ele não iria permitir, dessa vez, que o plano de Matias desse errado. Ele iria utilizar toda a sua presteza na arte da guerra para auxiliar os filhos e companheiros de escravização. Mesmo com a idade avançada, Akin Amari sabia que era necessário usar a sua sabedoria em um momento que necessitava de medidas drásticas, violentas, e usou desse conhecimento para, na véspera do ataque, mandar uma mensagem ao filho através de Marcos, que ultimamente estava transportando telhas e tijolos

para auxiliar na reforma da casa grande do Engenho Bahia. A mensagem foi objetiva e curta: ele iria atear fogo na lavoura com o intuito de criar uma distração e instaurar um clima de caos entre os feitores e residentes da propriedade.

A apreensão tomava conta de Akin, ele não conseguia dormir, estava com o coração pulsando de ansiedade e olhava atentamente para o simples casebre, sua morada solitária durante cinco anos, e refletia que no outro dia, provavelmente, estaria longe e em fuga com Matias e Joana. Akin não imaginava o que poderia acontecer, mas rezava para que não ocorresse nada de ruim com os seus filhos e abruptamente, mesmo com esse misto de sentimentos, dormiu e sonhou. Sonhou com dias felizes e de liberdade para todo o seu povo.

E o ardente fogo foi o pesadelo que acordou os opressores e ascendeu o lume de esperança para os homens, mulheres e crianças escravizados no Engenho Bahia. Era o tão almejado sinal para o início da revolta, pela busca de dignidade e liberdade. Akin Amari havia conseguido resgatar a filha sorrateiramente do Engenho Buraco e com a ajuda dela, concretizou a primeira etapa da insurreição. A distração surtiu efeito, a senzala estava sem vigilância, o que permitiu o arrombamento. A rebelião estava de fato sendo deflagrada!

E finalmente, depois de uma década da separação forçada dos seus entes queridos, Matias pôde, verdadeiramente, abraçar o pai e a pequena irmã, foi um abraço livre e singelo, mas recheado de amor e esperança pela liberdade. Um abraço que represen-

tava todas as famílias que foram despedaçadas e separadas do outro lado do oceano Atlântico e em terras brasileiras.

Mas, Akin Amari tinha a convicção de que não poderia perder o foco central do conflito, e das tensões que estavam vivenciando, contudo, afirmou em voz alta para os filhos que iriam fugir unidos, como uma família e viveriam como os pássaros de Dyou, livres!

E as horas seguintes foram de intenso confronto entre os capatazes e feitores liderados pelo infame Gaspar de Lemos e os escravizados. Mas, a sublevação dos cativos foi superior em números e em vontade de conquistar a liberdade. Foi assim que os insurgentes conseguiram subjugar Gaspar de Lemos e Francisco Gomes, que por azar ou destino, estava auxiliando na reforma da casa da família Bandeira naquela semana.

Ambos foram amarrados e mantidos da mesma forma como costumeiramente ordenavam e tratavam os escravizados, o que sempre realizaram com frieza e prazer, assim como as mais diversas e inimagináveis torturas e castigos. E coube a Matias, representando todas os seres humanos que foram violentados, escravizados e mortos, efetuar uma mínima reparação e cumprir a sua juvenil promessa, ao dar uma facada certa que atingiu o coração de Gaspar de Lemos. Ele fez questão de olhar fixamente nos olhos daquele repugnante indivíduo, enquanto a vida dele era ceifada deste plano. Já o Velho Chico foi deixado acorrentado dentro da senzala, e morreria solitário pelo ardente fogo que minutos depois consumiria a estrutura do barracão.

Akin observou emotivo e atentamente os últimos acontecimentos, e com um simples olhar acenou

para os filhos que era o momento ideal para a tão planejada fuga, pois sabia que os homens da cavalaria e milícias não demorariam para efetuar um cerco armado para tentar prender todos os insurgentes. Por isso, o tempo seria o primordial inimigo para a concretização da fuga dos revoltosos. Ele tinha estrategicamente escondido alimentos e suprimentos para ele e os seus filhos utilizarem ao longo do perigoso percurso de mata fechada. Ele tinha a real convicção de que teriam que se esconder por muitos e longos dias.

Entretanto, quando eles estavam se aproximando da escuridão, e se distanciando das terras e domínios do Engenho Bahia, foram surpreendidos pelo comandante da operação e muitos homens armados, montados em cavalos, e naquele momento Akin Amari sabia como deveria agir e subitamente, ele confrontou e pulou em direção ao homem que aparentava ser o líder da milícia, o que levou a dois soldados tentarem ajudar o chefe. Mas, o ex-líder conseguiu segurar estes homens com uma força descomunal, era uma força paternal. Ele tinha conseguido tirar o foco dos seus filhos que estavam logo atrás dele e quando o alcançaram viram, escondidos no mato, aquela desesperadora cena. Contudo, antes de receber duas facadas que perfuraram os seus órgãos, Akin Amari teve tempo de olhar para Joana e Matias, proferindo com um semblante de paz e acompanhado de um caloroso sorriso, as suas últimas e valorosas palavras:

- Corram, meus filhos!
- Vivam, Tanisha e Okpara!
- Ina son ku!



André Luís Rodrigues Santos

O Sol dos Egressos



E O FIM DA SAGA DE AKIN AMARI

REFERÊNCIAS

ADAMU, Mahdi. **"Os Haussás e seus vizinhos do Sudão central"**. In.:UNESCO. História geral da África, IV: África do século XII ao XVI. Brasília: UNESCO,2010, 2.ed.rev.

AJAYI, J.F. Ade. (ed.). **História geral da África, VI: África do século XIX à década de 1880**. Brasília: UNESCO, 2010.

AZEVEDO, Esterzilda Berenstein de. **Engenhos do Recôncavo Baiano**. Brasília, DF: Iphan / Programa Monumenta, 2009.

BOTELHO, Ângela Vianna, REIS, Liana Maria. **Dicionário histórico Brasil: Colônia e Império**. Belo Horizonte: O autor, 2001.

CONRAD, Robert Edgar. **Tumbeiros- O tráfico escravista para a Brasil**. São Paulo, Editora Brasiliense, 198S. Tradução de Elvira Serápicos.

COSTA E SILVA, Alberto da. **O Brasil, a África e o Atlântico no século XIX**. São Paulo: Estudos Avançados-USP, 1994.

CURTIN, Philip D. **The Atlantic Slave Trade: A Census**. Madison, Wisconsin: University of Wisconsin, 1969.

DICIO. **Dicionário português**, 2023. Disponível < <https://www.dicio.com.br/>> Acesso em: 10 de jan. de 2023.

FERNANDES, João Azevedo. **Navegando com Tubarões: A máquina e os homens que fizeram o tráfico**. João Pessoa: Saeculum-Revista de História, 2011.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. Recife: Global Editora, 48^a ed., 2003.

HANSEN, João Adolfo. **“A servidão natural do selvagem e a guerra justa contra o bárbaro.”** In: NOVAES, Adauto (Org.). A descoberta do homem e do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, grifo nosso.

INIKORI, Joseph E. **“A África na história do mundo: o tráfico de escravos a partir da África e a emergência de uma ordem econômica no Atlântico.”** In.: OGOT, Bethwell Allan (Org.). História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII. Brasília: UNESCO, 2010.

JUNIOR, Carlos da Silva. **Interações Atlânticas entre Salvador e Porto Novo (Costa da Mina) no século XVIII.** Centro de Humanidades, Universidade Nova de Lisboa, seminário Unifesp, 2014.

JÚNIOR, José Barbosa Duarte; COELHO, Fábio Cunha. **Rotação de culturas.** Niterói: Programa Rio Rural, 2010.

LOPES, Gustavo Acioli. **“O Tráfico Transatlântico de Escravos para o Brasil – Séculos XVI-XIX.”** In.: REIS, Isabel Cristina F.; ROCHA, Solange Pereira (Org.). Diáspora africana nas Américas. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

LÓGGIA. **Educalingo**, 2023. Disponível em <<https://educalingo.com/pt/dic-it/loggia>>. Acesso em: 16 de fev. de 2023.

LOVEJOY, Paul. **Jihad e escravidão: as origens dos escravos muçulmanos da Bahia.** Rio de Janeiro: Topoi, 2000.

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. **O Estado nacional e a instabilidade da propriedade escrava: a Lei de 1831 e a matrícula dos escravos de 1872.** Florianópolis: CFH/UFSC, 2011.

MATTOSO, Kátia Queirós. **Ser escravo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MIRANDA, Jôsy Barcellos. **E não se ouviu mais o apito da usina: aspectos da formação histórica da comunidade remanescentes de quilombos do Engenho da Vitória, em Cachoeira - BA**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cachoeira: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento, 2014.

NASR, Helmi. **O Alcorão: Sua história e sua origem**. São Paulo: Revista USP, 2017.

NIANE, Djibril Tamsir. (ed.). **História geral da África, IV: África do século XII ao XVI**. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

NOGUEIRA, Ataliba. **Antônio Conselheiro e Canudos**. São Paulo: Nacional, 1978.

PARÉS, Luis Nicolau. **Práticas religiosas na Costa da Mina. Uma sistematização das fontes europeias pré-coloniais, 1600-1730**. Salvador: UFBA, s.d.

REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. **A família negra no tempo da escravidão: Bahia, 1850-1888**. Campinas: Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas; 2007.

REIS, João José. **Rebelião Escrava no Brasil: A História do Levante dos Malês em 1835**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Rebelião Escrava no Brasil: A História do Levante dos Malês em 1835**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

REZENDE, Rodrigo Castro. **Crioulos e crioulinhas em Minas Gerais: designações de cor e etnicidades nas Minas setecentistas e oitocentistas**. Niterói: Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia; Departamento de História, 2013.

RODRIGUES, Raymundo Nina. **Os africanos no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

SILVA, Alberto da Costa. **Um Rio Chamado Atlântico - A África no Brasil e o Brasil na África**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, Ed. UFRJ, 2003.

SILVA, Pedro Agostinho. **Embarcações do Recôncavo: um estudo de origens**. Salvador: Beneditina, 1973.

SMARCEVSKI, Lev. **Gracinho a alma do Saveiro**. Salvador: editora Odebreche. 1996.

SOARES, Cecília Moreira. **As ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX**. Salvador: Repositório da UFBA, 1996.

TAVARES, Luis Henrique Dias. **Bahia, 1798**. Salvador: EDUFBA, 2012, p.09.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

TRADUÇÃO. **G. tradutor**, 2022. Disponível em < <https://translate.google.com> >. Acesso em: 21 de nov. de 2022.

TRÁFICO transatlântico de escravos. **SlaveVoyages**, 2020. Disponível em <<https://slavevoyages.org/assessment/estimates>>. Acesso em: 23 de nov. de 2020.

VERGER, Pierre. **Flux et Reflux de la Traite des Nègres entre le Golfe de Benin et Bahia de Todos os Santos**. Paris: Mouton, 1968.

VOCABULÁRIO

Adornos: aquilo que pode embelezar ou ser utilizado para enfeitar ou tornar alguém ou alguma coisa mais atraente; enfeite, ornato, atavio.

Ânago: Parte mais particular, íntima de um indivíduo; íntimo, essência, alma.

Anileiras: plantas do gênero indigofera, da família das leguminosas, nativas da África e da Índia, sendo que fornecem uma substância azul, denominada de índigo. Vale ressaltar que o livro paradigmático faz alusão a cidade de Kano, localizada ao norte do atual território da Nigéria e famosa pela produção e comercialização das plantas tintureiras no século XIX.

Aprazíveis: O mesmo que agradáveis, deleitáveis, doces, afáveis, benévolos, brandos, galanteadores, harmoniosos.

Aviltantes: É o plural de aviltante. O mesmo que: desonrosos, humilhantes, insultuosos, ultrajantes, vexatórios.

Bucólico: Que se refere ao modo de vida ou aos costumes da vida no campo; campestre.

Cais: Plataforma onde um navio se atraca para embarque e desembarque de passageiros e carga.

Califado: Área sobre a qual um califa (Grande religioso muçulmano ou chefe político de países de maioria muçulmana.) tem autoridade. O Governo de um Califa.

Canhoneira: Pequeno navio armado de canhões que serve nos rios ou perto das costas.

Capataz: trabalhador responsável pelo monitoramento e organização dos escravizados, principalmente, nos engenhos do Brasil colonial e imperial.

Casa-grande: casa senhorial rural, construída no Brasil, inicialmente, pelo colonizador português, a partir do século XVI. Era a residência principal do engenho ou de uma fazenda.

Célere: Que demonstra rapidez; que é muito veloz; ligeiro.

Copioso: Em grande quantidade; abundante, numeroso, farto

Crioulo: “um escravizado nascido no Brasil, durante o período colonial e Imperial. (Séculos XVI ao XIX)”.

Crioulo: escravizado nascido no Brasil, durante o período colonial e Imperial (Séculos XVI ao XIX), exclusivamente na residência do seu senhor.

Déspotas: O mesmo que: antidemocráticos, arbitrários, autocratas, autoritários, despóticos, dominadores, mandões, opressores, potentados.

Eito: Limpeza de uma plantação, feita a enxada ou com instrumentos manuais. Roça onde trabalhavam os escravizados.

Escravo de ganho: eram os escravizados que trabalhavam no sistema de ganho de rua, em serviços especializados ou no comércio. Vale lembrar que o dinheiro recebido pela atividade laboral era dividido com os seus senhores.

Estaleiro: Lugar onde se constroem ou se consertam navios. No estaleiro também se pode converter uma embarcação de um tipo em outra.

Excruciante: Aflitivo; que é doloroso; que consome, atormenta e tortura.

Falaciosa: Que busca enganar, agindo de modo ardiloso; enganoso.

Famigerado: Que possui excesso de fama ou má fama.

Feitor-mor: gerenciava e controlava o trabalho no engenho, além de ser responsável pelos homens, mulheres e crianças escravizadas.

Fulani: povos de variação linguística fula que formaram o poderoso Califado de Sokoto que contribuiu, através do expansionismo de seus territórios, no aprisionamento e escravização de diversos grupos étnicos, como os haussás, fato este relatado na respectiva obra literária "O sol dos egressos- a saga de Akin Amari".

Graminho: é um instrumento de carpintaria que foi trazido da Índia pelos portugueses e garante marcações e cortes precisos na construção dos barcos e tem suas origens no Antigo Egito e na China Milenar.

Haussá: populações de variação linguística haussá e eram organizados em cidades-estados independentes, entre os séculos XV ao XIX, localizado na região norte da África Central entre o Rio Níger e o Lago Chad.

Impaludismo: Doença contagiosa causada por um protozoário parasita dos glóbulos vermelhos do sangue, do gênero Plasmodium, sendo transmitida por um mosquito das regiões quentes e pantanosas, conhecido popularmente como malária.

Ina son ku: Significado – “Eu amo vocês.” Tradução da linguagem haussá para a língua portuguesa (Brasil).

Índigo: corante azul violácea extraída do indigueiro (anileira).

Inditoso: Que não possui (boa) sorte; que está infeliz; que foi alvo de infortúnio.

Intrépido: Que não possui medo; que não teme o perigo; corajoso, arrojado.

Jocosa: Capaz de causar riso; engraçado, que zomba, diverte ou cômico.

Labuta: Ação ou efeito de labutar (trabalhar); labor.

Ladinos: “denominação do escravizado oriundo do continente africano, já aculturado, que entendia o português e possuía algum tipo de especialização”.

Lamúrias: Lamentação; expressão de queixa ou de sofrimento.

Lógias: é um elemento arquitetônico, aberto pelo menos de um lado como uma galeria ou varanda, muitas vezes levantada, coberta e geralmente apoiada por colunas e arcos.

Lume: Qualquer tipo de luz; claridade, clarão.

Mameluco: Filho de branco com índio; indivíduo que possui uma ascendência indígena e branca.

Massapê: Terra argilosa, geralmente preta, de excelente qualidade para a cultura da cana-de-açúcar.

Minarete de Gobarau: estrutura construída no século XV, a partir de barro seco, localizada na cidade de Katsina, atual território da Nigéria, e a mesma tinha a função primordial de uma mesquita (templo religioso).

Mu dangi ne: Significado – “Nós somos família.” Tradução da linguagem Haussá para a língua portuguesa (Brasil).

Olaria: Local onde se fabricam tijolos, telhas, manilhas e vasilhames de barro.

Painço: Uma espécie de gramínea. E o grão é usado na alimentação humana e de animais domésticos.

Púlpito: Local elevado sobre o qual fica o padre, durante a celebração religiosa.

Pútrido: Que se decompôs, que está podre; que cheira mal.

Retinto: referência aos negros de pele mais escura.

Rotação de culturas: “Entende-se como rotação de culturas a alternância regular e ordenada no cultivo de diferentes espécies vegetais em sequência temporal numa determinada área”.

Sarki: Governador e chefe de uma linhagem pautada em uma aristocracia de cunho hereditário.

Sarkin kasa: “chefe do território, cuja autoridade se estendia, naturalmente, a todos os chefes de nível inferior”.

Saveiro: é uma adaptação de um modelo de barco português denominado de saveleiro, e na Capitania da Bahia foi utilizado para o transporte de mercadorias e escravizados.

Saveleiros: embarcação utilizada em Portugal, exclusiva para a pesca do peixe sável.

Senzala: Habitação usada como alojamento para os escravizados, inicialmente trazidos do continente africano para o Brasil, durante o período de escravidão (entre o século XVI e XIX).

Soldado Medeiros: Uma referência histórica a figura de Maria Quitéria, que utilizou a alcunha de “soldado Medeiros” nas lutas pela independência do Brasil contra as forças lusitanas, na Província da Bahia, entre os anos de 1822 e 1823.

Sorgo: Espécie de milho, originário da África, da Índia e da China; O mesmo que milho-da-guiné e milho-sorgo.

Surge Nec Mergitur: Significado – “Apareça e não se esconda.” Tradução do latim para a língua portuguesa (Brasil). Cabe ressaltar que essa frase fazia parte da bandeira formulada pelos insurgentes da Conjuração baiana de 1798.

Te Deum: Cântico que exalta Deus, entoado em ação de graças, e iniciado pela expressão Te Deum... laudamus (a ti louvamos, ó Deus).

Tumbeiro: O mesmo que navio negreiro. Sendo uma alusão a uma tumba, pois o quantitativo de cativos que morriam no trajeto marítimo era significativo. (etimologia da origem da palavra: Tumba + eiro.).

REFERÊNCIAS DO VOCABULÁRIO

ADAMU, Mahdi. **“Os Haussás e seus vizinhos do Sudão central”**. In.:UNESCO. História geral da África, IV: África do século XII ao XVI. Brasília: UNESCO,2010, 2.ed.rev.

AJAYI, J.F. Ade. (ed.). **História geral da África, VI: África do século XIX à década de 1880**. Brasília: UNESCO, 2010.

AZEVEDO, Esterzilda Berenstein de. **Engenhos do Recôncavo Baiano**. Brasília, DF: Iphan / Programa Monumenta, 2009.

BOTELHO, Ângela Vianna, REIS, Liana Maria. **Dicionário histórico Brasil: Colônia e Império**. Belo Horizonte: O autor, 2001.

BLUTEAU, Rafael. **Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro (Volume 1: A - K)**. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

CONRAD, Robert Edgar. **Tumbeiros- O tráfico escravista para a Brasil**. São Paulo, Editora Brasiliense, 198S. Tradução de Elvira Serápicos.

DICIO. **Dicionário português**, 2023. Disponível <<https://www.dicio.com.br/>> Acesso em: 10 de jan. de 2023.

LÓGGIA. **Educalingo**, 2023. Disponível em <<https://educalingo.com/pt/dic-it/loggia>>. Acesso em: 16 de fev. de 2023.

TRADUÇÃO. **G. tradutor**, 2022. Disponível em <<https://translate.google.com>>. Acesso em: 21 de nov. de 2022.

JÚNIOR, José Barbosa Duarte; COELHO, Fábio Cunha. **Rotação de culturas**. Niterói: Programa Rio Rural, 2010.

NIANE, Djibril Tamsir. (ed.). **História geral da África, IV: África do século XII ao XVI**. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

REZENDE, Rodrigo Castro. **Crioulos e crioulizações em Minas Gerais: designações de cor e etnicidades nas Minas sete e oitocentistas**. Niterói: Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia; Departamento de História, 2013.

SILVA, Pedro Agostinho. **Embarcações do Recôncavo: um estudo de origens**. Salvador: Beneditina, 1973.

SMARCEVSKI, Lev. **Graminho a alma do Saveiro**. Salvador: editora Odebreche. 1996.

SOARES, Cecília Moreira. **As ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX**. Salvador: Repositório da UFBA, 1996.

TAVARES, Luis Henrique Dias. **Bahia, 1798**. Salvador: EDUFBA, 2012.



O SOL DOS EGRESSOS

A SAGA DE AKIN AMARI

A obra literária "O sol dos egressos – a saga de Akin Amari" foi produzida como o material paradidático de conclusão do curso de Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E o mesmo, aborda a trajetória de vida de um homem, de variação linguística Haussá, que foi capturado no continente africano e trazido para a Capitania da Bahia, no início do século XIX, na condição de cativo; sendo que o protagonista, Akin Amari, passa por diversas privações sociopsicológicas atreladas ao período da escravização no Brasil Colônia, mas diante das adversidades encontrará ferramentas e forças para lutar contra um sistema opressor dos engenhos da distrito de Santiago do Iguape, localizados na próspera região da Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira. Portanto, vale ressaltar que o ensino da História no Brasil durante muito tempo, esteve distanciado das especificidades, das realidades sociais, e dos acontecimentos históricos regionais do seu público alvo (estudantes), sobretudo no que dizia respeito às temáticas sobre a cultura e a história das populações indígenas e afro-brasileiras. Sendo assim, é nesta perspectiva que o presente livro se articula, visando contribuir para uma efetiva promoção, nas escolas e fora dela, da Lei 10.639/2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e que traz a obrigatoriedade da inclusão no currículo oficial, da rede de ensino pública e privada, das temáticas relacionadas à história e cultura afro-brasileira.

André Luís Rodrigues Santos